

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA
MCMLXXVII-MCMLXXVIII

jogo no passo é a oposição entre os homens de *hoje*, que não defenderam devidamente a linhagem de Cláudio, e os homens de *outrora*, que puniam implacavelmente os tiranos; em tal contexto *aeuo* só pode ser equivalente a «época», e todo o passo será traduzido por: «nós traímos (sc. Octávia) porque a nossa época nos aconselha (nos incita a) o medo»; — V. 411: Ballaira propõe para um verso que é um *locus desperatus* mais uma proposta de conjectura — *ualido uagas* —, defendida com judiciosos argumentos, mas que, bem vistas as coisas, não é nem melhor nem pior que tantas outras que têm sido propostas; o passo é desesperadamente *corruptus*, pelo que com um pouco de imaginação acaba sempre por arranjar-se alguma «solução» aceitável. A hipótese de Ballaira é lógica, é estilisticamente válida, é satisfatória quanto ao sentido, mas é uma hipótese apenas. Por nossa parte julgamos mais correcto colocar no verso a irremediável *crux*. — V. 696: *et culpa Senecae* e.q.s.: sobre este discutido passo, a respeito do qual a nossa opinião não se alterou, v. *Oct. II*, pp. 179-87. Pelo que toca a Ballaira, acabamos por não entender se ele se decide por *culpa* (nominativo) ou *culpa* (ablativo), porquanto após dizer, com razão, que «dovrebbe intendersi nominativo e non ablativo, perché in quest' ultimo caso si avrebbe l'irregolarità di un dattilo in seconda sede» (inadmissível, pois seria caso único em todo o *corpus* senequiano), logo acrescenta que «tuttauia è forse più convincente pensare a *culpa* ablativo». Se é por esta interpretação que se decide, então deveria ter impresso no texto a correcção proposta por Ageno *culpaque Senecae*, o que lhe permitiria manter a sua tradução sem cair no apontado erro de métrica.

Mais outras observações poderíamos ainda acrescentar, quer de concordância quer de discordância, mas as que ficaram consignadas já deram com certeza a medida do interesse em nós suscitado pelo trabalho de G. Ballaira, a quem além do mais devemos o ensejo de retomar contacto com um texto que durante vários anos folheámos com mão nocturna e diurna. Trata-se de um trabalho sério ao qual não duvidamos seja dado o devido acolhimento pelo público a que especialmente se destina — os estudantes universitários —, na linha dos muitos, e meritórios, que o *corpus* trágico senequiano tem merecido da parte dos eruditos transalpinos, entre os quais nos permitimos destacar os do Prof. Francesco Giancotti, de quem este livro recebeu uma inspiração patente em quase todas as suas páginas: bastaria este facto para atestar os seus inegáveis méritos.

JOSÉ A. SEGURADO E CAMPOS

MIHĂESCU (H.), *La Langue Latine dans le Sud-Est de l'Europe*, Editura Academiei București-Les Belles Lettres, Paris, 1978, 400 p., mapas.

Dirigido a linguistas (romanistas e latinistas), a epigrafistas e, sobretudo, a historiadores da romanização, este livro estuda a língua dos textos e das inscrições (sons, formas, sintaxe e léxico), a fim de traçar o quadro da difusão da língua latina no sudeste europeu.

Anote-se, desde já, como factor bem positivo, que Mihăescu elaborou um inventário tanto quanto possível exaustivo das inscrições do sudeste (sobretudo

abundantes nos séculos II e III), assinalando em cinco cartas o seu local de achado. Para isso não só se serviu do CIL III como das revistas da especialidade, agrupando as inscrições por ordem cronológica e por províncias, no sentido da romanização, isto é, do ocidente para oriente e de sul para norte. São, ao todo, mais de 21880 textos, dos séculos I a III, encontrados em 1873 localidades; do séc. IV ao VII, Mihăescu utilizou inscrições isoladas, textos literários (p. 4-12) e itinerários (p. 12-17). Um conjunto suficiente para permitir um maior conhecimento do latim falado e o estudo da cultura romana, cujas sobrevivências se podem detectar em cinco regiões geográfico-linguísticas: na Albânia, na Dalmácia e na Ístria, na Roménia, na língua grega média e moderna e nas línguas sud-eslavas.

Mas são as inscrições — por se tratar de documentos originais e directos — que oferecem maior contributo para o estudo da língua falada. Constituem, escreve o autor, «um instrumento perfeito para o conhecimento do processo de romanização, bem como para determinar a distribuição geográfica e a cronologia relativa dos fenómenos linguísticos» (p. 3).

A exposição é clara, facilitada pela divisão do texto em parágrafos numerados.

Debruçando-se sobre o espinhoso problema do traçado duma linha de demarcação entre as áreas de influência do Grego e do Latim (p. 73), e como a realização dum novo CIL se apresenta como hipótese bem remota, o autor optou pela elaboração dum inventário geral das localidades onde se encontraram inscrições latinas, «a fim de conhecer o seu modo de distribuição em cada província em função do relevo e do processo de urbanização, bem como as relações existentes entre uma povoação e outras ou entre todas as províncias dum lado e a Itália por outro» (p. 74-5). E porque «dentre todos os vestígios arqueológicos da cultura romana no SE da Europa, são os primeiros que oferecem a linguagem mais clara e mais inteligível, uma vez que (...) falam Latim», Mihăescu fixou topograficamente as localidades com inscrições latinas (p. 75-168).

Não menos importantes serão as p. 275-317, onde, por assuntos, estão elencados elementos lexicais latinos, mantidos posteriormente no SE, com sugestivas referências à equivalente terminologia ocidental e oriental da actualidade.

Nas *conclusões*, estabelece-se em síntese a cronologia relativa de certos factos e inovações linguísticas mais importantes desde a República aos sécs. IV-VI, sublinhando-se (§ 328) que a influência grega foi menos activa do que a proximidade geográfica poderia fazer supor, tendo como principais elementos difusores os técnicos, os escravos, os mercadores, os professores e os militares.

Assim, por exemplo, na Dácia (§ 331) os elementos de tipo militar, administrativo e religioso tiveram papel decisivo, aí se falava a língua comum da administração e do exército, num latim que não difere do das outras províncias do Império; as inscrições da Dácia tratam essencialmente de actos de carácter administrativo e religioso, de manifestações públicas e privadas de militares.

Depois de, na p. 328, apresentar as perspectivas da futura investigação, Mihăescu dá, em apêndice, algumas inscrições e textos significativos, e a bibliografia como vem citada nas notas. Os mapas foram elaborados por províncias. E os índices constituem importante instrumento de trabalho: toponímico, antroponímico, de autores modernos, de palavras latinas, de palavras noutras línguas.

É justamente examinando o índice — e atendo-nos à parte que directamente nos toca, a língua portuguesa — que detectamos algumas incorrecções e omissões

a evitar numa futura edição. Sabemos que um trabalho deste género exige amplos recursos bibliográficos de que nem sempre se pode dispor; daí que achemos oportuno assinalar alguns tópicos a ter em conta. Assim:

— há palavras portuguesas que não foram referidas: *tília* (p. 277), *escaldar* é só apontado como vocábulo espanhol, *ermo* como italiano, *neta* (p. 293);

— há palavras portuguesas referidas no texto e não indicadas no índice;

— há erros de informação: *depos* (depois), *cannamo* (cânhamo), *revoredo*, *debar* (p. 286) e *comendar* (p. 313) não existem em Português, e *búfalo* (e não bufaro, p. 277) é que é o termo adequado.

São pequenos — e quase legítimos — senões duma obra a merecer o maior aplauso. Que mais não fosse por demonstrar à sociedade o enorme contributo que a Epigrafia pode dar aos estudos linguísticos.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

ALDO D. SCAGLIONE — *Ars Grammatica*. A Bibliographic Survey, Two Essays on the Grammar of the Latin and Italian Subjunctive and a Note on the Ablative Absolute. HAIA / PARIS. Ed. Mouton. 1970. Col. Ianua Linguarum. Series Minor, n.º 77.

Tal como se indica no seu extenso subtítulo (e para além de um apêndice constituído pela reimpressão da recensão ao *The «DE GRAMMATICO» of St. Anselm*, de Desmond Henry — cfr. *Romance Philology* XIX, 3 (1966)483-486), este pequeno volume de A. Scaglione explora duas direcções no mesmo âmbito da gramatologia clássica: uma expositiva e de síntese histórica, onde se insere o ensaio «The Historical Study of *«Ars Grammatica»*»; outra em que, a propósito de temas concretos (o *modo conjuntivo* e o *ablativo absoluto*), se pretende acompanhar o tipo de análise (e respectivos ressupostos teóricos) praticado por gramáticos clássicos e medievais. Esta bipartição de atitudes é, aliás, prenunciada nas primeiras páginas: «Our sharpened historical sense has confronted us with a choice: either we decide to trace the background of a *modern discipline* (...); or we attempt to rebuild a discipline as it actually developed in times past and from the viewpoint of its contemporaries».

Sem perder de vista o bem delimitado objecto que se propõe — a história bibliográfica da *ars grammatica*, que não a da Filologia Clássica ou da Linguística Geral —, o A. percorre e comenta as fontes fundamentais que nenhum investigador poderá ignorar e inicia essa caminhada assinalando com rigor os monumentos que nos legou a crítica alemã dos meados do séc. XIX.

Dada a expressa finalidade do ensaio — bibliografia fundamental, não exaustiva — será sempre possível apontar lacunas. Reconhecemos esta circunstância, mas estranhámos, assim mesmo, tenham passado em silêncio títulos que são pilares na historiografia gramatológica, como *De Grammaticae Graecae Primordiis* de J. Glasen (1829), entre os mais antigos, e, entre os recentes, «La Sistemazione gramaticale di Dionisio Trace» in *St. Clas. e Or.* (1956) 38-78; *Zur Sprachbetrachtung bei den*